



HORIZONTES

FACULDADES DE TAQUARA

Boletim informativo das Faculdades de Taquara

Julho/95 — Nº 09

Foto Arquivo - Jornal Panorama



Delegado de ensino, prefeito de Taquara e demais autoridades na solenidade de abertura do seminário

**Seminário
de
Educação
debate
novas
práticas
pedagógicas**

Página 10

**Faculdades intensificam
atuação em Gravataí**



Presidente da Câmara e secretária de Educação de Gravataí se reuniram com a direção das Faculdades

Página 10

**Os alegres grupos
das sextas-feiras**



Depois das aulas, acadêmicos iniciam o fim de semana com uma cervejinha no bar

Página 3

Como estão os ex-alunos?

As Faculdades de Taquara estão realizando um levantamento por amostragem junto aos seus ex-alunos com o objetivo de traçar um perfil do profissional formado pela instituição. A intenção é identificar a posição dos ex-alunos no mercado de trabalho, possibilitando assim uma avaliação da qualidade dos cursos oferecidos. Esta pesquisa propiciará elementos para que as Faculdades de Taquara possam preparar seus acadêmicos cada vez mais de acordo com as necessidades do mercado.

Festival de coros em julho

A exemplo do que já aconteceu em 94, Taquara se-dia novamente neste ano uma etapa classificatória do Festival de Coros do Rio Grande do Sul. Será no próximo dia 22 de julho, no Clube Comercial, a partir das 20h30, em promoção conjunta das Faculdades de Taquara e da Federação de Coros do Rio Grande do Sul (Fecors). Seis corais classificados nesta etapa terão direito a participar do 17º Festival Internacional de Corais, que acontecerá em Porto Alegre no mês de outubro.

EDITORIAL

Que seria de nós se não pudéssemos sonhar? Somos homens cujo sinônimo é sermos co-criadores. Nos engajamos porque ser homem não é apenas exercer profissão, mas construir a família humana.

Somos sujeitos e não objetos. Capazes de dizer sim e de dizer não, numa natureza que nos é dada para que a transformemos e a realizemos humanizando-a. Não só dominar e explorar mas recriá-la, assumindo-a na raiz. Gibran diz que quando trabalhamos com amor, nos unimos a nós mesmos e uns aos outros.

Quanto mais o fruto do trabalho for a comunhão fraterna entre os homens, mais o trabalho estará construindo o homem total.

O trabalho é o amor feito visível. Todo e qualquer trabalho.

Segundo Tiago de Mello, o nosso sonho é que o pão encontre na boca o abraço de uma canção inventada no trabalho. Não a fome fatigada de um suor que corre em vão. Que o pão do dia não chegue sabendo o resto de luta e o troféu da humilhação.

Que o pão seja como flor, festivamente colhida por quem deu ajuda ao chão. Mais do que a flor, seja fruto nascendo límpido e simples, sempre ao alcance da mão. Da minha e da tua mão.

Prof. Delmar Henrique Backes

A crise: ameaça ou oportunidade?

(*) **Prof. Ernest Sarlet**

Segundo os orientais, crise é sinônimo de ameaça, perigo.

De acordo com os gregos, crise significa tomada de decisão, oportunidade.

Para quem quiser deter-se numa análise da história da civilização e da cultura humanas, poderá observar movimentos e processos cíclicos de mudanças, notadamente nas passagens dos milênios.

As mudanças exigem inovações. Os cientistas chamam isto de "Mudanças de Paradigmas".

Paradigma significa "modelo-padrão".

Os modelos e os padrões de comportamentos, processos industriais, comerciais, sociais, culturais, econômicos e políticos que deram certo no passado, não garantem o sucesso de hoje, e, muito menos, o sucesso de amanhã.

Portanto, nós também devemos mudar nossos paradigmas! Inclusive os da Educação!

Instituições onde se pode ler na fachada "ESCOLA", não garantem necessariamente e "a priori" um lugar onde se ensina e aprende o que é necessário, útil e importante.

Não sou profeta, mas aposto que, se as instituições de ensino não mudarem seus paradigmas com rapidez, se seus cursos e currículos não se adequarem às reais necessidades empresariais, econômicas e tecnológicas modernas, princi-

palmente num processo de globalização da cultura econômica, política e social, se não se instrumentalizarem e se apropriarem dos modernos meios de comunicação e informação (computação, informática) tornar-se-ão, em pouco tempo, extemporâneas e obsoletas.

As pessoas irão buscar, por meios próprios, os conhecimentos onde estiverem à disposição.

Uma fonte já existe. A Internet, entre outras.

Qualquer instituição, de que natureza for, que não se "interligar" com esta "mídia" não terá condições de competir e sobreviver.

Portanto, é imprescindível a atualização, a flexibilidade e a rapidez! Com qualidade e produtividade.

O próximo milênio exigirá o conhecimento.

O espaço territorial deixou de ser componente do poder. O território encefálico, cerebral, a ciência, a tecnologia, será determinante. Eis a nossa oportunidade.

Saber, Saber fazer, Fazer acontecer e Trabalhar são as ferramentas seguras que farão com que consigamos transformar "a crise-ameaça" em crise-oportunidade".

Isto significa levar a sério e investir no "SER HUMANO" e no seu incrível potencial criativo, inventivo e social-solidário.

(*) **Recursos Humanos**
Azaléia / Parobé

EXPEDIENTE

Horizontes é um boletim informativo das Faculdades de Ciências Contábeis e Administrativas e Faculdade de Educação de Taquara.

Rua Júlio de Castilhos, 2084 - Taquara - RS

Fone (051) 542-1255 e Fax (051) 542-1256

Entidade mantenedora: Fundação Educacional Encosta Inferior do Nordeste (FEEIN)

Redação e diagramação: Alvaro Bourscheidt

Fotografia: Alvaro Bourscheidt e Vera Broilo

Montagem: Derli Gonçalves

Composição e fotolito: Gazeta do Sul S.A. (Santa Cruz do Sul)

Impressão: Gráfica Gart en Sul (Santa Cruz do Sul)

Alunos descobrem o prazer de estudar em sexta-feira

Estudar em sexta-feira? Nem pensar. É a noite em que boa parte dos acadêmicos rejeita qualquer compromisso de aula, entendendo que deve ser reservada ao lazer e à diversão, depois de uma semana cheia de trabalho e estudo. Esse comportamento dos estudantes de nível superior também se reflete nas Faculdades de Taquara, onde as noites de sexta-feira registram uma frequência bem inferior em relação aos demais dias da semana.

Apesar do conceito dominante de que a noite de sexta é imprópria para o estudo, por representar o começo do final de semana, alguns grupos de alunos estão começando a encarar essa questão sob um outro ponto de vista. Nas Faculdades de Taquara, já existem acadêmicos que elegeram a sexta-feira como a sua noite predileta para estudar. Argumentos para isso não faltam, começando pelo fato de que a tranqüilidade é bem maior com a diminuição do número de alunos nas salas de aula e nos corredores.

Mas o que mais pesa, na opinião destes estudantes, é a razão de que a sexta-feira propicia uma integração difícil de acontecer nas outras noites. A prova é o surgimento de grupos de alunos que costumam se reunir depois da aula, preferencialmente em bares e restaurantes. Ali, entre um chopinho e outro e algumas porções de fritas, assuntos de aula se misturam com temas gerais, numa salutar confraternização entre colegas que acabam se tornando amigos.

AMIZADE E INTEGRAÇÃO

Um desses grupos das



Tim-tim: a integração dos colegas se estende da sala de aula para o bar, iniciando mais um fim de semana

sextas-feiras se formou em 94 na disciplina de Custos I. Depois de algumas "esticadas" casuais no término das aulas, a turma criou o hábito de se reunir todas as sextas-feiras, escolhendo como ponto de encontro preferencial o Restaurante Onze Quinze em Taquara. Da afinidade surgida entre eles, nasceu o propósito de cursarem juntos a matéria de Métodos e Sistemas neste primeiro semestre de 95.

Rinaldo Fraga é um dos integrantes do grupo, junto com sua namorada **Simone Klain**. Estudando juntos na mesma cadeira, eles têm na aula de sexta-feira uma oportunidade de aproveitar o tempo e iniciar o namoro do final de semana. "Depois que começamos a nos reunir, mudei a minha opinião de que estudar em sexta-feira era ruim porque

estragava o final de semana", comenta Rinaldo.

O três-coroense **Rafael Debarba** diz que a sexta-feira proporciona a efetiva integração entre os acadêmicos, o que não acontece nas demais noites por causa dos compromissos do dia seguinte. **João Imério Engel**, de Parobé, destaca a amizade que se origina entre os colegas e a atuação dos professores que incentivam este tipo de entrosamento. É o que pensa também a gramadense **Diana Correa**, explicando que alguns professores concordam em não fazer recreio para que os alunos possam sair mais cedo e algumas vezes acabam até participando das rodas de bar e restaurante.

Romeu Turra, por sua vez, destaca a importância do relacionamento social entre os acadêmicos, já

que, segundo ele, a convivência não pode se limitar somente à sala de aula. Já **Ludimara Scheffel** diz que em sexta-feira sempre vai para a faculdade com espírito de final de semana, o que torna a aula muito mais gostosa. Para **Luciane Pretto**, é um verdadeiro relax, quando se deixa de lado a rotina dos dias úteis para entrar no clima do final de semana. "A sexta-feira te propicia aquela sensação de descompromisso que os outros dias não têm", explica.

De tanto gostar da sexta-feira, o grupo já firmou um pacto entre si. No próximo semestre querem estudar novamente juntos e contam que estão abertos para novas adesões. "Quem descobrir este lado da sexta-feira não vai mais desperdiçar este dia para deixar de ir à faculdade", garantem.

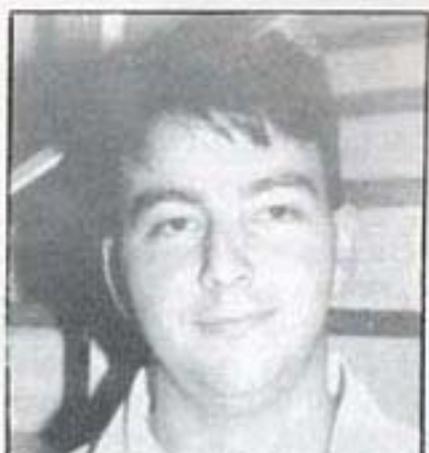
ENQUETE COM O ACADÊMICO

Novelas da TV. O que você acha?

Milhões de pessoas em todo Brasil elegem a novela como seu programa noturno favorito. Na verdade, o costume de acompanhar todas as noites a movimentação de atores e atrizes defronte às câmeras já deu origem ao que muitos denominam como uma verdadeira "mania nacional". As opiniões sobre tal comportamento dos brasileiros se dividem: enquanto alguns acreditam servirem as novelas para entreter e divertir o público, outros acusam alienação e difusão de valores nocivos à sociedade. O que pensam os acadêmicos das Faculdades de Taquara a respeito? Horizontes foi conferir...



Silvia: vulgarização



Marcos: passatempo

ANTÔNIO CARLOS DA CRUZ NUNES — CIÊNCIAS CONTÁBEIS — TAQUARA

"A televisão em geral manipula muito as pessoas e as novelas não fogem à regra. Elas fazem a cabeça de quem assiste. Algumas até mostram a realidade do dia-a-dia, mas nunca passam totalmente a verdade. É o caso das propagandas inseridas, cujo objetivo é somente vender e induzir as pessoas a consumir."

SÍLVIA GELINGER — CIÊNCIAS CONTÁBEIS — TAQUARA

"As novelas têm um nível cultural baixíssimo. Muitas coisas da vida particular são vulgarizadas, o que é prejudicial para quem assiste, principalmente quando são pessoas com pouca cultura. Elas assimilam gírias, trejeitos, sem saber, ao menos, o que significa. Copiam exemplos sem questionar e ver o lado crítico. Eu não perco tempo com novelas: prefiro olhar um noticiário, ou ler um jornal, que certamente é bem mais construtivo."

MARCOS RODRIGUES DA SILVA — ADMINISTRAÇÃO — GRAMADO

"As novelas são um meio de passatempo para muitas pessoas. Mas certamente são pouco culturais e não trazem nada de produtivo para quem assiste. Deveriam ser aproveitadas para transmitir algo de positivo às pessoas. Mas os exemplos são quase sempre negativos, nem deveriam ser passados. Certas cenas simplesmente deveriam ser cortadas, pois não condizem com o horário, quando existem crianças assistindo."

SANDRA RIBEIRO VIEIRA — PEDAGOGIA — TAQUARA

"Para mim, assistir novela não leva à nada. Não assisto, a menos que não tenha outra coisa para fazer. São pouco instrutivas e não levam as pessoas a lugar nenhum. Respeito a opinião dos que gostam, afinal, para quem não tem outra coisa a fazer ou se preocupar, não deixa de ser uma diversão. Mas acho que as novelas deveriam mostrar a realidade do povo, quando, na verdade, só iludem e anestesiaram."

GIANE SILMARA DOS SANTOS — PEDAGOGIA — TAQUARA

"Novelas não me atraem, pois não são nem um pouco educativas. Só se vê vulgaridade, futilidade, erotismo, destruição da família. São valores que não condizem com a minha formação. As principais vítimas são as crianças, que acabam assimilando aquelas coisas e depois tentam reproduzir sem saber a malícia que existe por trás."

CARLOS ALBERTO DA CUNHA — ADMINISTRAÇÃO — GRAMADO

"Praticamente não assisto. Em primeiro lugar, porque não tenho tempo e em segundo porque existem outras prioridades que valem muito mais. Acho que novela soma muito pouco para o conhecimento da gente. Prefiro aproveitar este tempo para ler ou estudar. A novela interfere muito na massa popular, pois as pessoas acabam seguindo os exemplos negativos. Em alguns casos, uma novela até pode ser útil, ajudando as pessoas a adquirirem costumes mais globais, como, por exemplo, no vocabulário."



Carlos: outras prioridades



Sandra: ilusão



Antônio: manipulação



Giane: pouco educativas

Palavra de marqueteiro

O que representa, pessoal e profissionalmente falando, a formação num curso de pós-graduação?

Com a palavra, os alunos que estão concluindo o pós de Marketing nas Faculdades de Taquara.



Denise e Dirceu: novo mundo



Ester: bagagem

Ester Guimaraes Silveira se formou em Administração em 93 e trabalha na área de Recursos Humanos de uma empresa de Gramado. Apesar de não atuar diretamente na área de marketing, ela fez o curso por achar importante ter alguma bagagem nessa área de conhecimento. "Hoje em dia para colocar qualquer coisa no mercado você precisa saber como trabalhar com o público", explica. Ester diz que futuramente, quem sabe, possa aproveitar os conhecimentos adquiridos neste um ano e meio de estudos dentro da própria empresa onde trabalha.

CASAL ESTUDANTE

Já o casal Dirceu e Denise Linden, de Igrejinha, resolveu estudar a dois. Ambos atuam em áreas profissionais diferentes, mas entendiam que o curso poderia ser útil em suas respectivas atividades. Dirceu é formado em Administração e trabalha como diretor administrativo de uma empresa de calçados. Ele confessa que no início foi "empurrado" pela esposa, mas depois descobriu que os conhecimentos de marketing seriam importantes não só para o seu trabalho na empresa, mas também para as suas funções de vereador em Igrejinha. "Marketing você pratica em qualquer circunstância", opina Dirceu, destacando que o curso foi importante especialmente pela troca de experiências com colegas e professores. Depois de vários anos fora da sala de aula, ele diz que se sentiu muito bem, aprendendo coisas novas, acompanhando a evolução do mundo.

Denise por sua vez é formada em Jornalismo e atua como diretora de marketing de uma empresa igrejinhense. Ela diz que o curso oferecido pelas Fa-

culdades veio a calhar, pois sentia uma séria limitação no seu próprio trabalho. "O pós me abriu os olhos para um mundo novo e me instrumentalizou para solucionar problemas que antes eu não saberia como enfrentar", salienta.

A jornalista, que estava afastada dos bancos escolares desde 83, gostou da idéia de voltar a estudar e não pretende parar por aí. "Todas as informações que eu puder buscar daqui para a frente não vou desperdiçar", assegura.

REDESCOBRINDO A CRIATIVIDADE

Outro que sentiu um despertar interior a partir da pós-graduação é o profissional liberal e microempresário taquarense Edegar Samuel Lutzer. Formado em três faculdades (Ciências Contábeis — Tecnólogo em Processamento de Dados e Administração), Edegar afirma que há muito sentia necessidade de um pós para complementar a sua formação. Ele explica que vivia

numa espécie de letargia, após um estresse profissional sofrido anos atrás. Ao ingressar no pós, Edegar sentiu reacender sua antiga criatividade. Uma das idéias que tinha e que acabou colocando em prática a partir de subsídios extraídos do curso foi a criação de uma empresa de fitoterápicos, que acumula com as atividades de contador e de analista de sistemas. "O pós abriu minha cabeça, agora não vou mais parar", enfatiza.

ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTAL

Luiz Antônio Nunes, de sua parte, decidiu fazer o pós de Marketing pela grande importância deste assunto no dia-a-dia de qualquer pessoa ou empresa. "É através de técnicas de marketing que um profissional autônomo e uma empresa comercial, industrial ou prestadora de serviços, irão se destacar entre os demais", afirma. Formado em Administração e trabalhando como diretor comercial de uma empresa de Taquara, Nunes conside-

ra a especialização fundamental em qualquer segmento profissional e destaca o esforço das Faculdades em trazer um curso deste nível para a região. "Iniciativas como esta são imprescindíveis para levantar a capacidade das nossas empresas e com isso transformar a nossa realidade regional", preconiza.

CAMINHO ABERTO

A jornalista Inge Dienstmann, diretora comercial de um jornal em Taquara, decidiu fazer o pós pela profunda identificação do tema com a sua atividade profissional. Ela diz que o curso a situou dentro do assunto, abrindo caminho para uma área em que ainda acredita ter muito a aprender. A partir da sua conclusão, ela pretende continuar se aprofundando, utilizando os instrumentos que lhe foram proporcionados. "O curso abriu uma janela, agora depende de nós, profissionais, buscarmos aquelas complementações que entendermos necessárias", interpreta.



Edegar: criatividade



Inge: janela



Nunes: especialização

ENTREVISTA

Há 33 anos, quando a empresa começou, não eram mais de 30 metros quadrados onde funcionavam uma loja de eletrônicos e uma fábrica de rádios e antenas. Hoje a Bomlar já é uma das maiores redes do Estado em seu ramo de comércio, abrangendo 30 lojas que empregam 450 funcionários. A empresa nascida em Taquara hoje ocupa posição de liderança na venda de artigos eletro-eletrônicos em algumas das mais importantes cidades do Rio Grande do Sul. Numa época em que empresas do mesmo segmento se encolheram e fecharam lojas espalhadas pelo interior do Estado, a Bomlar fez o inverso: saiu de seu berço no Vale do Pa-

ranhana a abraçou as regiões circunvizinhas, incluindo o Vale do Sinos, Serra Gaúcha, Litoral e mais recentemente a Grande Porto Alegre. Mas qual é exatamente o segredo da fórmula Bomlar? O que leva uma empresa a crescer, enquanto as semelhantes, em sua maioria, afundam na crise que atingiu as chamadas "grandes redes" a partir do final da década de 80?

Esses e outros pontos são esclarecidos pelo "pai da família Bomlar", Guido Utz, e seu filho Carlos Eduardo, o atual "manda-chuva", nesta entrevista exclusiva para HORIZONTES.

Carlos Eduardo e Guido Utz revelam os segredos do sucesso Bomlar



De pai para filho: fundada por Guido e hoje comandada por Carlos, Bomlar começou em Taquara e chegou à capital do Estado

HORIZONTES — Contem como foi o início da Bomlar e os primeiros anos da empresa?

GUIDO — A Bomlar foi fundada em 1961 no ramo de representações e oficina. Nós ingressamos na empresa em maio de 62, logo após ter sofrido um incêndio. Éramos três sócios: eu, Eugênio Genehr e Ervino Seefeld. Inicialmente, começamos a operar com uma pequena loja, não tinha mais do que 25 a 30 metros quadrados, próximo ao lugar onde hoje fica o Correio de Taquara. Ali vendíamos artigos eletrônicos e mantínhamos uma pequena fábrica de rádios e antenas. Posteriormente, desativamos a fábrica e ficamos apenas com o varejo. Meus sócios se retiraram do negócio, dadas as dificuldades da época, e eu permaneci sozinho. Mudamos a loja para o seu atual endereço na Rua Guilherme Lahm, cujo prédio alugamos, enfrentando a descrença de muitos. Como estratégia empresarial, diversificamos e ampliamos rapidamente a nossa linha de produtos, o que aumentou a clientela. Quando a concorrência veio para cá, já estávamos estruturados, inclusive com nosso prédio próprio. Me lembro que, quando fizemos o negócio com a Comunidade Evangélica, tivemos que assumir o empréstimo bancário que havia sido feito para criação do Lar da Oase como forma de pagamento da dívida. Foi uma decisão corajosa, pois muitas pessoas, incluindo clientes e gerentes de banco,

diziam que iríamos quebrar. Mas arregaçamos as mangas e nos lançamos ao trabalho...

HORIZONTES — Como é que iniciou a expansão da Bomlar?

GUIDO — Nossa primeira filial foi o Magazine Bomlar, destinada ao ramo da confecções, que abrimos em 1972, comprando o estoque de duas lojas tradicionais de Taquara e o prédio de uma delas (Casa Milton e Antônio Marques). Esse magazine mais tarde teria o seu nome mudado para BL Modas e depois BL Casa de Moda (denominação atual). Quando veio a primeira grande rede de fora a se instalar em Taquara, novamente muitos pensaram que não iríamos resistir à concorrência. Nossa estratégia foi a de abrir nossa primeira filial fora de Taquara, em Parobé, para compensar a perda de mercado que realmente aconteceu por uns seis meses. Aquele período de 1970 a 1980 foi marcado pelo fechamento de muitas casas tradicionais, geralmente por dificuldades de passagem da primeira para a segunda geração. Isto nos possibilitou adquirir o

estoque e o ponto daquelas lojas, ocupando o mercado que elas deixaram a descoberto. Assim conseguimos entrar em várias cidades, como, por exemplo, Igrejinha e Campo Bom...

HORIZONTES — Aliás, a questão da sucessão é um assunto muito delicado na maioria das empresas, principalmente nas ditas familiares. Como o senhor conseguiu conduzir esse processo e passar o comando para o filho Carlos Eduardo?

GUIDO — Me preparei dez anos para aquele momento. Sabia que um dia teria que sair e deixar o comando para um sucessor. O Carlos Eduardo entrou na empresa como qualquer funcionário. A primeira função que ele exerceu foi a de cobrador. Posteriormente ele iniciou o curso de Engenharia Mecânica na UFRGS, mas logo se decidiu por Administração de Empresas. Foi uma decisão pessoal dele, nunca influí ou tentei induzir os meus filhos para que tomassem determinado caminho profissional. Fiz questão que ele passasse por todos os seto-

res da empresa para chegar até a direção. Isso é muito importante quando se trata de uma sucessão. É necessário que você teste essa pessoa, conheça a sua capacidade de trabalho. É preciso sentir no indivíduo se ele realmente quer isso que você está pretendendo para ele e, sobretudo, que ele conheça a organização e que tenha uma equipe de trabalho que o aceite como líder...

CARLOS EDUARDO — De fato nunca houve uma indução do meu pai para que eu o substituisse na empresa. Por um certo tempo cheguei mesmo a pensar em me formar em Engenharia Mecânica, que era uma profissão praticamente imposta aos jovens da época por causa das muitas obras que estavam em andamento no País. Durante algum tempo, fiz o curso junto com Administração, mas depois fiquei só com o segundo, pois cheguei à conclusão de que era realmente o que eu queria. Não posso negar, no entanto, que a circunstância familiar tivesse um certo poder de atratividade para que eu me decidisse profissionalmente.

HORIZONTES — Mas como efetivamente aconteceu a passagem de comando de pai para filho?

GUIDO — O que aconteceu na prática foi que vendi a loja para meus filhos. Foi como qualquer transação de uma empresa, eles levaram dois anos para me pagar. Fiz aquilo para não criar a imagem de que eles ganharam tudo de graça. Eu comecei do zero, nunca ganhei nada de ninguém, tudo que ganhei foi através do trabalho. Então era preciso que eles se tornassem adquirentes legítimos daquele negócio que eu iniciei. Decidi fazer esta mudança num momento em que a empresa estava enxuta, pronta para competir no mercado. Esse, aliás, é um erro, que cometem muitos fundadores quando vão transferir o comando de uma empresa: o fazem justamente quando a

ENTREVISTA

empresa entra em dificuldades, que é para ficar com a imagem de que, enquanto eles estavam lá, tudo funcionava bem...

HORIZONTES — E, afinal de contas, quem toma hoje as principais decisões na Bomlar?

GUIDO — Naturalmente que é o Carlos. Eu confesso que foi doloroso afastar-me. É difícil a gente aceitar que administrava de um jeito, aí vem outra pessoa com idéias próprias, novas, diferentes do que você estava acostumado a fazer. Mas eu tive o cuidado de preparar a minha cabeça para que ficasse totalmente de fora assim que o Carlos assumisse. Era para deixar claro que a partir daquele momento tudo era com ele, não havia mais a figura do Guido para dar palpites ou, quem sabe, até para acolher queixas daqueles que porventura se sentissem contrariados com a nova administração. Hoje essa etapa está vencida, o que me permite, inclusive, retornar à empresa, mas sem entrar no raio de ação do Carlos...

CARLOS EDUARDO — Embora estejam comigo as decisões do dia-a-dia, tenho meu pai como um dos conselheiros que consulto principalmente nas grandes decisões, como, por exemplo, na compra de uma loja nova. Ele tem a experiência de quem ficou anos à frente do negócio, qualquer pessoa de bom senso não desperdiçaria a oportunidade de ter a opinião como essa para alguma decisão de maior vulto. Isso me dá segurança...

HORIZONTES — Retomando a questão da expansão da empresa, como e por quê a Bomlar entrou em mercados como o Vale do Sinos e a Grande Porto Alegre?

CARLOS EDUARDO — Em 92 já existiam os primeiros sinais da crise do calçado. Os indícios eram muito claros de uma tendência de enfraquecimento desse setor. Não era preciso nenhuma bola de cristal para ver isso, bastava querer enxergar... Até então nós estávamos 100 por cento inseridos no Vale do Paranhana, que depende quase que exclusivamente do calçado, com exceção de duas lojas que tínhamos na Serra. Foi aí que sentimos a necessidade de buscar outros mercados, ampliar nossa base de sustentação. A parte mais difícil, entretanto, nunca é você decidir se vai abrir uma nova loja ou

não. O mais difícil é abrir a loja e vender. Para isso, você precisa abrir no lugar certo e na hora certa. Foi o que nos propusemos a fazer, aproveitando algumas oportunidades que surgiram. Por exemplo: entramos no Litoral quando uma empresa daquela região tradicional do nosso ramo encerrou as atividades e criou um vácuo no mercado local. Assim também entramos na Grande Porto Alegre, comprando seis lojas do grupo Imcosul. Isso foi muito importante, pois pudemos aproveitar parte da estrutura destes estabelecimentos, principalmente no que se refere a recursos humanos. Era gente que tinha know-how no negócio, isso tudo é sinergia que a empresa incorpora e acaba somando. Outro detalhe importante para entrar numa cidade nova é que você precisa ter uma marca conhecida em boa fatia da população. Usando uma boa estratégia de propaganda e trabalhando nas cidades periféricas, criamos credenciais para entrar em Porto Alegre, percorrendo o caminho inverso da maioria das lojas do nosso ramo, que saem da capital para o interior. Quando entramos em Porto Alegre, aquele mercado já não era mais desconhecido. A gente sabia exatamente quanto podia faturar, por isso optamos por ingressar direto na principal área comercial da cidade. O resultado é que hoje temos uma loja com um retorno fantástico, assim como acontece em quase todas as cidades onde estamos instalados e estamos na liderança do nosso ramo.

HORIZONTES — É claro que a expansão de uma empresa demanda custos com imóveis, estoque e recursos humanos. Qual é a estratégia da Bomlar: a empresa se vale unicamente de capital próprio ou eventualmente recorre a recursos de terceiros?

CARLOS EDUARDO — No ramo do varejo não tem muito segredo. O mais importante é você selecionar bem a equipe de pessoal. Depois é preciso uma boa alavancagem financeira, com uma boa utilização dos recursos disponíveis, isso é, você aproveitar bem aquilo que o mercado oferece. O importante é que, no final, você pague o justo pelos recursos utilizados, incluindo aí o material humano, e tenha um retorno melhor ainda.

HORIZONTES — Como empresa que emprega uma administração moderna, logicamente que a Bomlar tem uma preocupação especial com os seus recursos humanos. Como isso se dá na prática?

CARLOS EDUARDO — O fato é que quando você dirige um negócio não pode ficar só no momento, no retorno imediato. É preciso ter uma visão de longo prazo. Assim, você precisa, por exemplo, esquecer os atrativos que o mercado financeiro está oferecendo para pensar em investir o dinheiro da empresa em algo que vai garantir a sua sobrevivência daqui a dez, vinte, trinta anos. É o que nós procuramos fazer na Bomlar. Enquanto muitos se preocuparam em ganhar dinheiro com juros nos bancos, nós nos ativemos

a investir em nossos recursos humanos, aparelhando-os para que pudessem oferecer um serviço cada vez melhor aos clientes. Fizemos gastos fantásticos com cursos e treinamentos para o nosso pessoal. O resultado é que hoje temos uma equipe realmente profissional e isso muitas vezes faz a diferença num mercado que é cada vez mais competitivo. Pensando na satisfação dos nossos funcionários, já instituímos, há um bom tempo, o programa de participação nos lucros, através do qual dividimos todo final de ano dez por cento dos lucros, proporcional ao salário e ao período trabalhado de cada funcionário. No momento também estamos elaborando um plano de saúde próprio para a empresa e desenvolvemos uma série de outros projetos relacionados aos nossos recursos humanos para que tenham condições de prestar um serviço cada vez melhor. Por exemplo: estamos firmando convênio com uma empresa de colchões para que cada funcionário possa adquirir um colchão adequado ao seu biotipo. Um estudo interno mostrou que o rendimento dos funcionários está diretamente relacionado à forma com que usufruem do seu descanso. Portanto, neste item um colchão é muito importante, pois em cima dele passamos praticamente um terço das nossas vidas...

HORIZONTES — E quais são os planos e estratégias da empresa daqui para a frente?

CARLOS EDUARDO — Daqui para a frente a tendência do mercado é de um nível de concorrência irrestrito. Uma loja não vai se beneficiar pelo fato de ser local ou não. O que você precisa oferecer é um produto bom, um preço bom e um atendimento igualmente bom. O fato de ser local pode ser um diferencial a favor se você estiver em pé de igualdade com a concorrência nestes três itens: preço, qualidade e atendimento. A nossa estratégia como empresa é que vamos tentar continuar buscando novos mercados e a aumentar a nossa participação naqueles mercados onde já estamos inseridos. Está comprovado que o líder de vendas num determinado segmento não é aquele que possui o maior número de lojas, mas o que tem as melhores lojas por oferecer o melhor produto e serviço da forma mais barata possível.



Guido e Carlos: sucessão sem problemas garantiu crescimento da empresa



□ Vale do Paranhana e Vale do Sinos, que, junto com algumas cidades vizinhas, formam uma das principais regiões produtoras de calçados no país, vivem uma crise sem precedentes na sua história. O principal sustentáculo econômico na maioria dos municípios enfrenta sérios problemas de mercado, tanto em âmbito externo, quanto interno. Para sair do país, o calçado brasileiro se depara com a defasagem cambial entre dólar e real, além da forte concorrência do produto chinês. No mercado nacional, há um processo de desaquecimento na economia, enquanto o mesmo calçado chinês chega com toda força, insuflado por preços baixíssimos em relação aos padrões de fabricação brasileiros. Mas o que há por trás dessa crise, que hoje desemprega milhares de trabalhadores e fecha dezenas de indústrias? Que lições podemos tirar dela e como é que isso vai acabar? Essas interrogações HORIZONTES formulou para algumas pessoas inseridas no contexto regional. Nas respostas, alguns caminhos apontam para as soluções que se fazem necessárias.

CRISE DO CALÇADO

O que há por trás disso?



JEFFERSON LEONARDO - professor das Faculdades de Taquara e gerente de Recursos Humanos de uma empresa de calçados em Gramado.

“Esta crise que o setor calçadista está vivendo atualmente oferece um prenúncio muito importante para as empresas, qual seja o de que devem se estruturar para enfrentar a competitividade globalizada. Tradicionalmente, a produção de calçados foi encarada como um processo artesanal, onde as empresas não desenvolveram uma cultura de planejamento e desenvolvimento, enfim todos aqueles itens necessários para se manterem no mercado. Hoje estão sofrendo as conseqüências. O Presidente da República deu um recado muito claro ao conceder prazo de um ano para que voltem as regras antigas na importação de calçados, ou seja, este é o tempo que as empresas brasileiras têm para se estruturarem de acordo com a nova realidade do mercado, caso contrário não terão condições de sobreviver. Acabou o amadorismo na fabricação de calçados, é hora das empresas se profissionalizarem para se tornarem competitivas”.

ELIR DOMINGO GIRARDI — prefeito de Igrejinha e presidente da Associação dos Municípios do Vale do Rio do Sinos

“Quem defende a atual política do governo em relação à crise do calçado não está percebendo o custo social que isso está gerando. Tudo indica que, a continuar esta situação, a produção de calçados se encaminha para a monopolização, onde permanecerão somente as empresas melhor estruturadas, enquanto as pequenas e médias têm a tendência de desaparecerem. Duvido que as grandes empresas

conseguirão absorver todo contingente de mão-de-obra existente na região. E aí o que teremos? Multidões de desempregados nas ruas, todos com necessidades de comer e alimentar seus filhos. Por enquanto, essas pessoas vivem do salário-desemprego, mas, quando ele acabar, que se prepare quem tiver alguma coisa! Será que os nossos empresários vão poder sair de suas casas? É preciso que o governo tome medidas urgentes que permitam a sobrevivência das pequenas e microempresas, limitando as importações e estimulando a produção nacional. Um país tem que crescer oferecendo oportunidades de emprego, pois progresso e desenvolvimento sem emprego são irrealis”.

ANTÔNIO OSMAR DA SILVA, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de Parobé

“Na minha opinião, o problema do calçado chinês é apenas o começo do que ainda está por vir. A gente tem informações de que lá a produção de calçados está aumentando em grande escala e eles, com certeza, vão invadir de vez o mercado brasileiro. Das empresas nacionais, só vão sobreviver aquelas maiores, que têm uma boa estrutura, sabem fazer produtos de qualidade e conseguem vendê-los. Para as pequenas e de médio porte, não vejo perspectivas. Nós estamos aconselhando os trabalhadores que busquem outras saídas. Quem tiver sua terrinha no interior, deve voltar para lá. Ao mesmo tempo, cabe às nossas autoridades criarem oportunidades para investimentos alternativos, permitindo a diversificação industrial com a vinda de novas empresas”.

Continua na página seguinte



Girardi: custo social



Jefferson: fim do amadorismo



Marlin: três fatores

ECONOMIA REGIONAL

CRISE NO CALÇADO O que há por trás disso?

RICARDO SCHMIDT MÜLLER, empresário em Três Coroas

"Por maior que seja a tempestade, sempre há uma árvore que fica de pé. É a mesma coisa nesta crise do calçado: os bons vão continuar com o mercado ao seu dispor, os demais que não se reciclam vão ficar pelo caminho. Os empresários calçadistas cometeram muitos erros ao longo do tempo, como, por exemplo, o de não terem respeitado o mercado brasileiro. Hoje as coisas não são mais assim: é preciso trabalhar com a maior qualidade e agilidade possíveis. Quem fabricar um produto de acordo com a moda, lançado na época certa e entregue com pontualidade, vai continuar tendo compradores hoje e sempre. O consumidor quer um produto bom e acessível, seja aqui dentro do país, seja fora dele. Por isso, o administrador tem que ser rápido, adequando a sua empresa a uma realidade sem inflação, embora muitos não saibam como trabalhar sem ela".

ARI Rodrigues, prefeito de Taquara

"A defasagem cambial acarretou uma grande descapitalização para a maior parte das nossas empresas por causa da disparidade entre os custos de matéria-prima e o preço do produto final em nível de mercado internacional. O calçado chinês, que antes era um temor, hoje é uma realidade. A continuar assim, ficarão poucos na produção de calçados, somente aqueles que ainda têm uma boa saúde financeira e um patrimônio razoável. É uma situação apreensiva, principalmente pelos efeitos sociais que está acarretando. Algumas empresas estão optando pela venda direta no mercado externo, sem a intermediação das companhias exportadoras, o que permite um ganho maior. Já no mercado

interno, não vejo outra saída senão o governo sobretaxar em 500 por cento o calçado chinês e baixar a tributação sobre o produto brasileiro".

LORISETE DIAS, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de Igrejinha

"Em grande parte, a crise que atinge as empresas calçadistas é culpa dos próprios empresários que não planejaram as suas empresas. Só se preocuparam em comprar imóveis e carros, esquecendo-se de investir em tecnologia e na mão-de-obra. Daqui para a frente a situação só tende a se agravar, gerando graves prejuízos aos trabalhadores. A solução passa pelo governo, mas é certo que o setor calçadista da região nunca mais voltará a ser como era antes, mesmo que o Brasil descubra novos mercados. Temos que buscar a diversificação da economia quem sabe, apostando no turismo, considerando o nosso grande potencial e a proximidade com a Região das Hortênsias".

MARLIN KOHLRAUSCH, empresário em Parobé

"A crise do calçado tem três fatores. Um deles se refere ao processo de gestão das empresas, que precisa mudar. Hoje é necessário uma parceria forte com todos os colaboradores (fornecedores, funcionários, etc.), decisões rápidas, estoques reduzidos, sistema de "ilhas" de produção e atendimento imediato aos pedidos. Quem faz isso está conseguindo se manter no mercado. Um segundo fator é a questão mercadológica: nossas empresas sempre foram compradas, hoje elas precisam vender. Para isso, é necessário deixar de olhar só para dentro da empresa e ver o que o mercado está querendo. Por fim, existe a questão do "custo Brasil", que tira a nossa competitividade em relação aos calçados estrangeiros e, por ser um problema estrutural de economia, somente se resolverá com a interferência do governo".

ALUNOS ESPECIAIS

Pessoas da comunidade, principalmente empresários e profissionais liberais, poderão participar das aulas nas Faculdades de Taquara em disciplinas com disponibilidade de vagas. Projeto nesse sentido está sendo lançado para o segundo semestre de 95 e pretende ser uma colaboração da instituição de ensino para o aperfeiçoamento dos recursos humanos existentes na região. Os assistentes das aulas, na condição de alunos especiais, receberão certificados de participação ao final do semestre. O entendimento das Faculdades é que os momentos de crise podem servir como trampolim para o desenvolvimento, desde que haja o esforço de todos os segmentos da comunidade.

Propiciar o aperfeiçoamento profissional é a forma encontrada pela instituição para superar as dificuldades vivenciadas na economia regional.

ORÇAMENTO EMPRESARIAL

Os alunos da disciplina de Orçamento Empresarial das Faculdades de Taquara elaboraram o orçamento anual para 95 da empresa Pandolfo Indústria de Ferramentas S.A., de Parobé. O trabalho dos acadêmicos se constitui, dessa forma, num produto da instituição de ensino para as empresas, oportunizando a efetiva integração entre as duas partes, que também ocorre em várias outras disciplinas dos Cursos de Administração e Ciências Contábeis.

VESTIBULAR 95/II

— Faculdades de Taquara —

Inscrições: até o dia 10 de julho

Realização: 11 e 12 de julho (à noite)

Informações: Secretaria das Faculdades

Fone (051) 542-1255

Atenção, Acadêmicos

As Faculdades de Taquara estão montando um coral de alunos. Informações no Centro de Artes e Cultura. Inscrições abertas.

Faculdades ampliam atuação em Gravataí

Em visita ao diretor das Faculdades de Taquara, Delmar Backes, o presidente da Câmara de Vereadores, Darci Heinze, e a secretária de Educação e Cultura de Gravataí, Anita Ortiz Correa, solicitaram a intensificação do trabalho realizado pela instituição de ensino naquele município. Eles pediram a continuidade dos cursos de Estudos Adicionais e a implantação de um projeto de Supletivo de 2º Grau na habilitação de magistério.

Conforme afirmação do presidente da Câmara de Vereadores, as Faculdades de Taquara, pelo trabalho que vêm realizando junto à comunidade de Gravataí, se constituem atualmente na instituição de ensino superior do município. "As Faculdades de Taquara nunca demonstraram outro interesse que não o de auxiliar na melhoria do ensino", proclamou Darci Heinze.

No momento, as Faculdades mantêm em Gravataí o curso de Estudos Adicionais, que já habilitou 314 professores locais para lecionarem na quinta e sextas séries nas áreas de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências. Já o Curso Supletivo de 2º grau/habilitação magistério deverá ser iniciado em agosto próximo, servindo como uma complementação pedagógica para quem já possui o 2º grau e deseja lecionar em turmas de primeira a quartas séries.

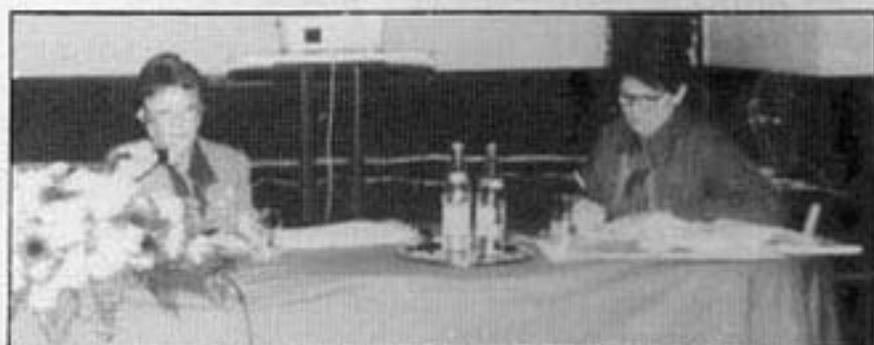
Seminário de educação debateu novas abordagens da prática pedagógica

Com cerca de 200 participantes, aconteceu nos dias 22 e 23 de junho, em Taquara, o IV Seminário Estadual de Educação. A promoção das Faculdades de Taquara reuniu especialistas em educação e professores de escolas estaduais, municipais e particulares de vários municípios do Rio Grande do Sul.

Reunidos no Clube Comercial, os participantes discutiram durante os dois dias novas abordagens sobre a prática pedagógica na formação do professor, analisaram dimensões psicopedagógicas e interacionistas no processo de ensino e debateram questões práticas da sala de aula.

Na solenidade de abertura, dia 22, esteve presente o titular da 2ª Delegacia Regional de Ensino em São Leopoldo, Victor Becker, além do prefeito de Taquara, Ari Rodrigues, e demais autoridades locais e regionais ligadas à área da educação. Todos os pronunciamentos convergiram para a importância do evento em prol da melhoria da qualidade do ensino.

Na palestra de abertura a professora doutora Iselda Sausen Feil, da Unijuí, discorreu sobre o tema "Formação do Professor: Concepções e Prática Pedagógica". Ela defendeu a necessidade de uma nova cultura profissional do professor frente ao processo de mudanças que afeta a sociedade em geral. Segundo ela, hoje se requer



A professora Lila Weinschelbaum, da Argentina (à esquerda), foi uma das palestrantes do seminário

do professor alguém realmente identificado com o processo de ensino, que esteja na profissão por vontade política e desejo próprios. "Não seja professor se isto não te faz mais feliz", aconselhou.

Iselda Feil também defendeu a necessidade de rediscutir as políticas de preparação de professores, a partir de um projeto de formação continuada e não apenas inicial, como acontece atualmente.

Ainda no dia 22, a professora Beatriz Vargas Dornelles, da UFRGS, falou sobre o tema "Fundamentos Psicopedagógicos da Construção Numérica".

Na sexta-feira, foi a vez da professora Lila Weinschelbaum, do Instituto F.F. Bernasconi de Buenos Aires discorrer sobre "A Literatura Infantil no Processo de Alfabetização". Com base num trabalho realizado em seu país, Lila defendeu as oficinas de Literatura como de grande utilidade para despertar e exercitar a criatividade das crianças. Segundo ela, o trabalho com contos infantis

estimula a imaginação do aluno que está em processo de alfabetização, ao mesmo tempo em que lhe fornece instrumentos e códigos de comunicação e expressão, permitindo a utilização de um vocabulário mais amplo.

O último tema do seminário foi ministrado pelo professor doutor Juan Moriño Mosquera, da UFRGS e PUC/RS e abordou as contribuições do psicólogo Vygotsky para a educação. Considerando-o como um dos maiores psicólogos do século XX, apesar de ter vivido entre 1896 e 1934, Mosquera disse que o grande legado de Vygotsky foi a descoberta das chamadas funções psicológicas superiores (pensamento, linguagem e vontade), que alcançou grande repercussão na educação. Além disso, Vygotsky desenvolveu um conceito de desenvolvimento humano segundo o qual a pessoa pode aprender continuamente e se desenvolver durante toda sua vida, independente da idade cronológica.

Encontros integram professores

Repetindo uma experiência já feita em anos anteriores, as Faculdades de Taquara realizaram neste primeiro semestre de 95 encontros com os professores dos três cursos mantidos pela instituição. No dia 17 de junho foi a vez dos docentes de Pedagogia, que se reuniram no Hotel Villa Verde para um encontro de integração e discussão dos conteúdos programáticos de suas disciplinas.

Inicialmente, cada professor fez uma exposição sobre os objetivos da matéria que leciona, seguindo-se a formação de pequenos grupos onde foram debatidas propostas de mudanças para inserção nos currículos.

A mesma experiência foi repetida pelos professores dos cursos de Ciências Contábeis e Administração, cujo encontro aconteceu no dia 1º de julho.

Cenin abre espaço para deficientes auditivos



Surdos: facilidade com o computador

Dando seqüência a sua proposta de abrir espaço para os diferentes segmentos da comunidade, o Centro de Informática das Faculdades de Taquara (Cenin) iniciou neste primeiro semestre de 95 um trabalho com alunos portadores de deficiência auditiva. Os estudantes, na faixa etária de 9 a 16 anos, integram a classe especial da Escola Estadual Rodolfo Von Ihering de Taquara e freqüentam o Cenin uma vez por semana, às quintas-feiras à tarde.

Com o acompanhamento de sua professora Regina Prins e da diretora do Cenin, Querte Mehleck, eles estão desde o mês de abril trabalhando com a linguagem Logo e o programa de editoração de textos. Conforme a diretora Querte, o objetivo é desenvolver a criatividade e percepção dos alunos, no que se tem encontrado resultados surpreendentes. "Sinceramente não achava que seria tão fácil trabalhar com deficientes

deste tipo no computador", comenta Querte, destacando que eles demonstram uma capacidade excepcional de atenção e concentração, o que facilita a assimilação dos novos conhecimentos.

Já a professora Regina enfatiza que o contato com a informática tem proporcionado visíveis progressos aos seus alunos, iniciando pela noção de espaço (lateralidade) e capacidade de raciocínio. "Hoje eles param para pensar, resolvendo questões que antes eram consideradas difíceis ou impossíveis", comenta. Segundo Regina Prins, desde que freqüentam o Cenin, seus alunos demonstram maior auto-segurança e auto-estima e não têm medo de errar, uma vez que a linguagem Logo objetiva justamente fazer com que o próprio aluno possa consertar um eventual erro, sem a necessidade de interferência de um terceiro.

Sexo na terceira idade foi tema de palestra

Não se deixem levar por nenhum preconceito em qualquer área de atividade, incluindo o sexo. A pessoa idosa tem plena capacidade física e intelectual de relacionar-se sexualmente e encontrar a satisfação neste campo. Essas e outras mensagens foram transmitidas pelo endocrinologista, sexólogo e geriatra Dr. Arhon Hutz em palestra para um grupo de cerca de 70 idosos, no dia 8 de junho, na Escola Rodolfo Von Ihering, em Taquara. A palestra intitulada "Sexo na Terceira Idade" foi uma promoção do Centro de Artes e Cultura das Faculdades de Taquara, fazendo parte do projeto "Terceira Idade" que está em andamento há um ano e meio.

O ministrante é conhecido como grande especialista no assunto, já tendo feito palestras no Brasil inteiro e no exterior, além de publicar traba-

lhos em vários países. Dr. Arhon disse que há muitos mitos e tabus em relação às pessoas da terceira idade e um dos principais é o que envolve a questão do sexo. Segundo ele, existe uma falsa

idéia de que o idoso não tem vontade e capacidade de realização sexual, o que não corresponde à verdade, conforme é comprovado em pesquisas pessoais e bibliografia a respeito.



Dr. Arhon Hutz palestrou para a Terceira Idade

CRÉDITO EDUCATIVO

Existe uma grande expectativa do meio acadêmico gaúcho em relação ao Crédito Educativo Estadual, fundamental para que muitos possam dar continuidade aos seus estudos. Nesse sentido, há uma preocupação do governo do Estado e das instituições de ensino superior para reorganizar o sistema. As Faculdades de Taquara participam de uma comissão que está cuidando desse assunto e a expectativa é de que, já a partir deste segundo semestre, o Crédito Educativo Estadual esteja normalizado, considerando a boa vontade das partes envolvidas.

SHOW BENEFICENTE

Numa iniciativa de alunos da instituição, realizou-se no dia 1º de junho um show beneficente no salão de atos das Faculdades de Taquara. O evento teve o objetivo despertar o interesse pelo canto lírico, com apresentações de corais, grupos vocais, músicos e cantores. Valendo o ingresso, os assistentes fizeram doações de roupas e gêneros alimentícios, que foram doados para a creche Apromin, de Taquara.

CURSOS DE INFORMÁTICA

É notória a carência no mercado de trabalho de recursos humanos com conhecimentos em informática. Nos dias atuais, para qualquer profissional é indispensável algum conhecimento nessa área. Levando isso em conta, o Centro de Informática das Faculdades de Taquara, sob a coordenação do professor Salomão Leizer, está colocando à disposição uma verdadeira "bateria" de cursos direcionados a acadêmicos e profissionais em geral.

SÃO FRANCISCO DE PAULA

A beleza dos campos de cima da serra

São Francisco de Paula se destaca na área de abrangência das Faculdades de Taquara pela sua cultura e economia bastante diferenciadas em relação aos demais municípios da região. Sua localização geográfica lhe confere também uma riqueza natural muito singular, num curioso encontro entre campo, serra e litoral.

O atual território de São Francisco de Paula teve como primeiros habitantes os índios caáguas. A sua colonização pelo homem branco começou a se dar por volta de 1745, quando chegou ao lugar o tropeiro Pedro da Silva Chaves, um português que havia recebido uma gleba de terra na região e doou uma pequena porção para o patrimônio de uma igreja que ele mesmo viera a construir. A doação foi feita em reverência a São Francisco de Paula, o santo devoto do tropeiro, o que mais tarde viria a dar origem ao nome do município.

No lugar onde hoje se situa a sede urbana, começou a se desenvolver um pequeno povoado, inicialmente conhecido por Campos de Cima da Serra. Em 1878 foi elevado à categoria de vila, conquistando a sua autonomia administrativa com a denominação de São Francisco de Paula de Cima da Serra. Entretanto, devido a agitações políticas, o município chegou a ser duas vezes extinto pelo governo estadual e anexado a Taquara do Mundo Novo (hoje Taquara), obtendo definitivamente a sua emancipação em 23 de dezembro de 1902. Conserveu o topônimo de São Francisco de Paula de Cima da Serra até 1939, quando finalmente veio a ter a atual denominação, apenas São Francisco de Paula e que boa parte da população ca-

rinhosamente resolveu simplificar para "São Chico".

O município possui atualmente uma população aproximada de 23 mil habitantes. A economia, originariamente voltada para o extrativismo da erva-mate, hoje encontra na indústria madeireira uma de suas principais fontes de riqueza, inclusive com a existência de grandes áreas reflorestadas. A 25 quilômetros

da cidade se situa a Floresta Nacional de São Francisco de Paula (Flona), área de preservação ambiental com 1.600 hectares, criada no governo Getúlio Vargas. O local serve como ponto de atração turística e abriga uma grande diversidade de espécies da flora e fauna.

Ainda na economia de São Francisco se destacam as indústrias de calçados,

carroceiras e malharias, além da agropecuária, sobressaindo a criação de bovinos de corte, ovinos, suínos e aves, junto com práticas de olericultura e fruticultura.

Numa região onde predomina o cultivo das tradições germânicas e italianas, São Francisco de Paula se diferencia pelo profundo arraigamento à cultura luso-brasileira. Essa característica aparece expressa em toda vida do município, seja na arquitetura dos prédios, hábitos alimentares e sociais da população e nas próprias fazendas gaúchas que podem ser encontradas em abundância na zona rural.

O turismo é atualmente uma das principais fontes de renda, aproveitando o imenso manancial de opções proporcionado pela própria natureza. O município possui, pelos menos, duas dezenas de lugares com grande potencial turístico, cuja visitação aumenta de ano para ano, atraindo pessoas de diferentes pontos. Entre os locais mais conhecidos, estão o lago São Bernardo (próximo ao centro da cidade), a Cascata da Ronda, Barragens (Divisa, Blang e Salto), Veraneio Hampel, Camping Passo da Ilha, Museu do Automóvel, Serra do Umu, Pomar Cisne Branco, Sítio Água da Rainha e outros, incluindo a beleza própria dos campos de cima da serra (com exuberantes vistas de vales, montanhas e região litorânea) e suas fazendas típicas.

Entre os eventos promovidos atualmente, destacam-se o Ronco do Bugio (festival de música nativista), Fermaçã, Semana Farroupilha, Rodeio Crioulo, Festival de Coros, Feira Agropecuária e o Natal Campeiro.



Lago São Bernardo: rodeado de morros e mata natural, é conhecido pelas provas de esqui aquático



Passo da Ilha: formado por um alargamento do rio Tainhas, no meio dos campos, abriga um camping



Barragem do Salto: extensa e propícia para a pesca e esportes náuticos